

Vadym Kholodenko piano

14 Nov 2021 · 18:00 Sala Suggia

CICLO PIANO FUNDAÇÃO EDP



casa da música

MECENAS CICLO PIANO
FUNDAÇÃO EDP

fundação 

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Sergei Prokofieff

Quatro peças, op. 32 (1918; c.10min)

1. Dança
2. Minueto
3. Gavotte
4. Valsa

Franz Schubert

Sonata em Mi bemol maior, D. 568 (c.1817; c.30min)

1. Allegro moderato
2. Andante molto
3. Allegretto
4. Allegro moderato

PAUSA TÉCNICA

Franz Schubert

Três peças para piano, D. 946 (1828; c.26min)

1. Allegro assai – Andante – Tempo I
2. Allegretto
3. Allegro

Sergei Prokofieff

Sonata para piano n.º 7, em Si bemol maior, op. 83 (1942; c.18min)

1. Allegro inquieto
2. Andante caloroso
3. Precipitato

Sergei Prokofieff

SONTSOVKE (UCRÂNIA), 23 DE ABRIL DE 1891

NIKOLINA GORA (MOSCOVO), 5 DE MARÇO DE 1953

Quatro peças, op. 32

As Quatro peças op. 32 foram compostas em 1918, num período de grandes mudanças na vida de Sergei Prokofieff. Com o dealbar da revolução russa em 1917, o compositor viu-se obrigado, tal como outros compatriotas ligados às artes, a emigrar e encontrar uma vida nova noutro país. No caso de Prokofieff, tal solução passou pelos Estados Unidos da América, estabilizando em Nova Iorque, em Setembro de 1918. As entradas do seu diário dão conta que os tempos iniciais não foram fáceis e que durante algum tempo viveu com dificuldades financeiras. Nesse período inicial, o compositor e pianista procurou manter uma actividade musical que lhe permitisse o sustento, nomeadamente através de recitais, nos quais incluiria obras de A. Scriabin e S. Rachmaninoff, assim como obras suas. Também em solo americano, inicia a composição de várias obras, destacando-se as Quatro peças op. 32, *The Love for Three Oranges* op. 33, *Overture on Hebrew Themes* op. 34, entre outras. A composição das Quatro peças surge num período de particular aperto financeiro, e por sugestão do editor Carl Fischer. O objectivo seria compor uma obra para piano que fosse mais acessível, de modo a alcançar mais público. Apesar de ter acedido à sugestão, estas não seriam publicadas por Fischer, mas sim por S. Koussevitzki, em 1921. As peças compostas nunca convenceram o próprio Prokofieff que, não obstante, as estreou a 30 de Março de 1919, em Nova Iorque.

Cada uma das peças transporta-nos para os traços estilísticos de uma linguagem musical moderna que o compositor procurava afirmar.

A primeira, “Dança”, apresenta um tom quase humorístico mas elegante, com um motivo melódico e rítmico explorado através de um tratamento harmónico criativo. Percorre os diferentes registos do teclado, fazendo uso do contraste com os baixos e explorando o cruzamento de mãos para dar vida a diferentes ideias musicais. A segunda peça, “Minueto”, apresenta uma estrutura tripartida (ABA) com contraste entre as secções, num “Allegro moderato”. A primeira secção, mais leve, utiliza o *staccato* que contrasta com a melodia ligada na mão direita; a segunda secção apresenta o *staccato* em *piano*, com destaque para uma nota marcada repetidamente, dando depois lugar a uma melodia quase lírica. A “Gavotte” — “Allegro non troppo” — apresenta um carácter diferente das anteriores, marcado por uma certa simplicidade que emerge logo no primeiro motivo melódico utilizado em *pianissimo*, ao qual se seguem os motivos em terceiras, contrastando com a secção grave. Segue-se uma secção mais expressiva, com um desenho igual em ambas as mãos, retomando depois o tema inicial. A “Valsa” — “Lento espressivo” —, com um estrutura tripartida, conduz-nos por sonoridades características de Prokofieff, com recurso a uma grande inventividade harmónica, cromatismos, modulações súbitas, entre outros, criando atmosferas quase lânguidas e de grande sensibilidade.

Franz Schubert

VIENA, 31 DE JANEIRO DE 1797

VIENA, 19 DE NOVEMBRO DE 1828

Sonata em Mi bemol maior, D. 568

A Sonata para piano em Mi bemol maior, D. 568, constitui um interessante exemplo do processo de revisão de obras empreendido por Franz Schubert. Encontramos a origem desta sonata num período particularmente profícuo na composição deste género. Em 1817, Schubert dedicou-se essencialmente à composição de sonatas para piano e *lieder*, deixando de lado outros géneros a que se havia dedicado nos anos anteriores, pelo menos temporariamente. Ao debruçar-se sobre as sonatas, explorou a sua visão da forma, da harmonia e da condução melódica, ainda dentro de referentes da tradição clássica, não apenas dos três mestres vienenses mas também influenciado por M. Clementi.

Nesse ano, em Março, compõe a Sonata para piano em Lá menor D. 537; em Maio, a Sonata em Lá bemol maior; e, em Junho, a Sonata em Ré bemol maior D. 567, que não chegou a concluir. É neste último trabalho que encontramos a ligação à Sonata para piano em Mi bemol maior D. 568, em programa, que se trata de uma adaptação, transposição e revisão considerável da anterior. Apresenta, nos andamentos inicial e final, uma extensa revisão do desenvolvimento temático e a adição de um novo andamento, um “Minueto – Trio”. As modificações à partitura, que se pensou durante algum tempo terem sido realizadas em 1817, datam possivelmente de 1825 ou 1826. A publicação teve lugar postumamente em Viena, pela casa editora Pennauer, em 1829, como op. 122.

A Sonata divide-se em quatro andamentos, respeitando uma estrutura clássica. O primeiro, “Allegro moderato”, inicia-se com um tema em *piano*, marcado por uma pausa, ao qual se segue um momento mais intenso. O segundo tema surge com um carácter mais leve e alegre, a remeter para o universo das suas canções. No desenvolvimento temático, Schubert encaminha-nos por momentos de maior intensidade dramática associada a alguma instabilidade harmónica, retomando depois os temas iniciais e concluindo com o andamento em *diminuendo*, até ao acorde final, em *pianissimo*.

O segundo andamento, “Andante molto”, em modo menor, começa de forma melancólica e envolto num ambiente contemplativo, com uma condução melódica delicada e introspectiva. O quadro sonoro transforma-se com uma secção de contrastes dinâmicos conducente a alguma agitação, seguindo-se um tratamento mais elaborado do material temático inicial.

O terceiro andamento, “Allegretto”, apresenta um tema delicado no seu minueto, procurando manter uma certa graciosidade que contrasta depois com as figuras rítmicas pontuadas do trio.

O andamento final, “Allegro moderato”, em forma sonata, é iniciado com um tema de características algo joviais, contrastando com o segundo tema, em modo menor. O desenvolvimento assume um carácter especialmente inventivo a partir do material temático apresentado, destacando-se, por exemplo, a secção de arpejos em *forte* na mão esquerda, a exploração da pergunta-resposta e a riqueza da condução harmónica, seguindo-se a reexposição temática, com algumas variações relativamente à exposição.

Três peças para piano, D. 946

As Três peças para piano D. 946 foram compostas no último ano de vida de Schubert, em Maio de 1828. Nesse ano, correndo contra o tempo, dedica a sua produção a algumas das mais complexas obras do universo schubertiano, compondo a Missa em Mi bemol maior, hinos de carácter religioso, cantatas, *lieder* com acompanhamento camerístico, dois ciclos de *lieder* para canto e piano, quinteto para cordas, duetos para piano, três sonatas para piano, entre outras obras. As três peças em programa foram concebidas inicialmente como um terceiro volume de *impromptus*, que dariam seguimento aos 8 *impromptus* D. 899 e D. 935, compostos em 1827, e que se tornaram um marco no repertório pianístico. Terá contribuído como inspiração para estas obras o contacto com o compositor Jan Václav Voříšek (1791-1825), a quem é atribuída a primeira utilização do termo *impromptu* para descrever uma peça para piano, em 1817, por sugestão do editor, na publicação *Allgemeine musikalische Zeitung*. Este facto não é de menor relevância, pois Voříšek conheceu Schubert e os dois tornaram-se amigos e admiradores do trabalho musical um do outro.

As Três peças para piano D. 946 são abordadas, na sua dimensão musical, como *impromptus*, comungando do espírito das suas antecessoras. Existem, no entanto, algumas diferenças que devem ser assinaladas, não apenas ao nível da forma de cada peça, que acaba por se aproximar de alguns dos *Momentos Musicais* D. 780, mas também na atmosfera ainda mais intimista e introspectiva. A obra foi publicada postumamente em 1868, 40 anos depois da sua composição, após edição de Johannes Brahms (1833-1897), que incluiu na versão publicada da primeira peça uma secção rasurada no

manuscrito pelo próprio Schubert, efectuando essa indicação numa nota de rodapé.

A primeira peça, “Allegro assai”, introduz-nos de imediato num ambiente sonoro algo inquieto, marcado pelo acompanhamento da mão esquerda e pelo motivo melódico na mão direita, chegando depois a momentos de alguma expansão sonora. O tema do *andante*, mais introspectivo, contrasta com uma segunda secção com escalas rápidas em *pianissimo* e uma maior intensidade dramática, regressando depois ao tema inicial.

A segunda peça, “Allegretto”, é marcada pela delicadeza do material temático e do acompanhamento ondulante que contrasta depois com uma secção mais intensa e sombria. Nesta, a relembrar o acompanhamento de alguns dos seus *lieder*, Schubert faz uso dos contrastes dinâmicos, reencaminhando a inquietação para um desvanecer que desagua na tranquilidade lírica do primeiro tema, ao qual se segue uma nova secção, mais dramática e romântica no que à construção melódica diz respeito.

A terceira peça, “Allegro”, contrasta com as anteriores pelo seu tema bem-humorado e sincopado. Segue-se uma secção intermédia apenas com acordes que conferem uma certa solenidade à paisagem sonora, enriquecida depois com motivos na mão direita, sobre os acordes da mão esquerda. O tema inicial regressa, agora com mais ímpeto, conduzindo a música para uma coda virtuosística.

Sergei Prokofieff

Sonata para piano n.º 7, em Si bemol maior, op. 83

A Sonata para piano n.º 7 em Si bemol maior constitui uma das três sonatas (n.ºs 6, 7 e 8) comumente denominadas “Sonatas da Guerra”, em virtude de terem sido compostas no quadro da II Guerra Mundial. Prokofieff iniciou os seus primeiros esboços quando se encontrava em Kislovodsk, no Verão de 1939, terminando-a apenas em 1942. A vida dos compositores e demais artistas na União Soviética de Estaline acarretava alguns riscos, com um ambiente de denúncias, perseguições e prisões, deixando muitas figuras apreensivas quanto ao seu futuro e sob olhar apertado do Estado, como aconteceria com o próprio Prokofieff, em 1948, ao ser acusado de “formalismo” juntamente com outros compositores. Para além deste cenário, a sua saúde sofreu um considerável abalo com um ataque cardíaco em 1941, do qual levaria algum tempo a recuperar. Ao nível pessoal, a sua vida sofrera nestes anos alguns percalços, em particular com o afastamento da sua esposa Lina e o envolvimento com a poetisa Mira Mendelson, com quem manteria uma longa relação. Enquadrado no circuito musical soviético, a primeira metade da década de 40 foi especialmente profícua, com a estreia de várias obras que terminara no contexto de guerra e que marcariam a sua carreira.

A Sonata para piano n.º 7 seria estreada em Moscovo, a 18 de Janeiro de 1943, pelo pianista Sviatoslav Richter, que tivera cerca de quatro dias para a estudar e preparar. A obra acabaria agraciada com o Prémio Estaline, o primeiro de vários que o compositor receberia nos anos seguintes, nomeadamente em 1946, 1947 e 1951. Apresenta vários elementos concorrentes

na construção de um discurso musical que marca, por um lado, a inquietação e a incerteza provocadas por um cenário beligerante devastador, mas reflectindo também acerca da situação humana naquele contexto, com momentos ásperos e de temperamento forte.

O primeiro andamento, “Allegro inquieto”, abre com um tema rápido, ansioso, que é depois seguido de uma secção sincopada com oitavas e acordes marcados. Uma transição leva-nos a uma secção em *piano*, *expressivo* e *dolente*, com um tema mais solene e abstracto, antes de um desenvolvimento verdadeiramente brusco nas sonoridades exploradas, retomando depois o desenho inicial e uma coda final. O segundo andamento, um “Andante caloroso”, apresenta características diferentes, explorando um *cantabile* na tonalidade de Mi maior, com uma estrutura ternária (ABA e coda), existindo, no entanto, uma ligação temática entre as secções B e A. Neste andamento, Prokofieff parece encaminhar o discurso musical para uma dissolução que, de certo modo, prepara o ímpeto do último andamento. Este, por seu turno, é marcado “Precipitato” e assume o seu esplendor rítmico, com fortes assimetrias que conferem instabilidade dentro de um quadro obsessivo de ideias musicais, num quase *moto perpetuo*, que termina de forma determinada e abrupta.

PEDRO RUSSO MOREIRA, 2021

Vadym Kholodenko piano

Vadym Kholodenko é considerado um dos intérpretes mais dinâmicos e tecnicamente dotados da nova geração de pianistas. Entre os seus galardões destacam-se a Medalha de Ouro no Concurso Internacional de Piano Van Cliburn (2013), o Diapason d'Or pelo CD com obras a solo de Scriabin para a Harmonia Mundi, e ainda o 1.º Prémio no Concurso Sendai, no Japão. Em 2021/22 é Artista em Residência da Sinfónica da Rádio SWR.

Vadym Kholodenko tem colaborado com maestros notáveis como Valery Gergiev, Teodor Currentzis, Vladimir Fedoseyev, Kirill Karabits, Louis Langrée, Christian Macelaru, Pinchas Zukerman, Krzysztof Urbanski, Yuri Bashmet, Thomas Søndergård, Ion Marin, Leonard Slatkin e Kazuki Yamada. Valery Gergiev nomeou-o Artista do Mês durante uma residência na sala de concertos do Teatro Mariinski, convidando-o para actuações e gravações em Paris, Luxemburgo, Munique e São Petersburgo.

Na América do Norte, tocou com a Orquestra de Filadélfia, a Filarmónica de Rochester e as Sinfónicas de Atlanta, Indianápolis, Cincinnati e San Diego. Fez uma digressão com a Orquestra Estatal de Weimar sob a direcção de Kirill Karabits. Apresentou-se em recitais em Nova Iorque, Washington, Boston e no Festival de Música de Aspen.

Quando se estreou com a Royal Philharmonic Orchestra, em 2017, foi convidado de imediato para regressar. Tem trabalhado regularmente com a Sinfónica Escocesa da BBC, a Orquestra Real Escocesa, as Sinfónicas de Bournemouth, de Praga, de Barcelona e da Rádio Norueguesa, a Orquestra Nacional de Bordéus Aquitânia, as Filarmónicas de Luxemburgo e de Copenhaga, a Sinfónica da RTVE em Madrid e a Orquestra Nacional de Espanha. Fez

recitais na Konzerthaus de Viena, no Wigmore Hall e na LSO St Lukes (Londres), na Academia Liszt (Budapeste), em salas de Paris, Moscovo, Bilbao, Bruxelas e Lucerna e nos festivais SWR Schwetzingen Festspiele, La Roque d'Anthéron e Chopin (Varsóvia). No domínio da música de câmara, tem parcerias com artistas como Vadim Repin, Alena Baeva, Clara-Jumi Kang e Maxim Rysanov.

Vadym Kholodenko é convidado regularmente para tocar no Japão, apresentando-se com a Orquestra Filarmónica e a Sinfónica Metropolitana de Tóquio. Fez recentemente uma digressão pelo país com a Sinfónica da Rádio de Praga. Tocou com a Sinfónica de Sidney e a Orquestra NCPA (Pequim), e apresentou-se em recitais no Japão, em Pequim e em Singapura.

No âmbito da residência artística com a Sinfónica SWR de Estugarda, toca o Concerto n.º 2 de Brahms com Teodor Currentzis, o Concerto n.º 5 de Beethoven com Lionel Bringuier e o Concerto n.º 5 de Rachmaninoff com Dmitry Slobodeniuk. É solista convidado para interpretar Beethoven (Sinfónica da BBC) e Prokofieff (Sinfónica BBC do País de Gales), apresentando-se ainda com a Orquestra Sinfónica Nacional da RAI (Turim), a Sinfónica da RTE (Irlanda) e a Filarmónica de Nancy. Regressa à Filarmónica Toscanini de Parma, onde foi Artista em Residência na temporada passada. Toca em recitais em Oxford, Roma, Veneza, Porto e Toulouse, e apresenta-se em digressão na América do Norte, passando por Washington e Miami.

O CD que Vadym Kholodenko gravou para a Harmonia Mundi, com o Concerto de Grieg e o Concerto n.º 2 de Saint-Saëns, ao lado da Orquestra da Rádio Norueguesa e Harth-Bedoya, foi Escolha dos Editores da revista Gramophone. Gravou para a mesma etiqueta a

integral dos Concertos de Prokofieff. O CD com obras a solo de Scriabin recebeu o Diapason d'Or. Na última temporada, lançou dois discos a solo com música de Prokofieff e Tchaikovski. Para a etiqueta Arthaus, gravou o Concerto n.º 5 de Prokofieff com a Orquestra do Teatro Mariinski dirigida por Valery Gergiev. Entre os seus planos futuros inclui-se a gravação de obras de Chopin e Godovsky.

Vadym Kholodenko nasceu em 1986, em Kiev (Ucrânia). Aos 13 anos deu os primeiros concertos nos EUA, na China, na Hungria e na Croácia. Estudou no Conservatório de Moscovo com a reputada professora Vera Gornostaeva.

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

